

Corpos que fazem-se no ciberespaço: a tecnologia *fanfic*

RESUMO

Alexandre Luiz Polizel

E-mail:

alexandre_polizel@hotmail.com

Universidade Estadual de

Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Moises Alves de Oliveira

E-mail: moises@uel.br

Universidade Estadual de

Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Este manuscrito tem por objetivo apresentar considerações acerca da tecnologia de *fanfic* como agência na (de)composição dos corpos. Tecnologia descrita a partir da óptica dos Estudos Culturais, situada na experiencialidade vivenciada em um grupo na rede social *facebook* selecionado por conveniência – visto a presença do pesquisador como membro neste espaço desde o ano de 2013. O grupo tem como característica ser voltado a jovens que se (auto)identificam pró-diversidade, tendo amplitude de aproximadamente 950.000 membros. Utiliza-se como viés analítico o conceito de articulação e inscrição, considerando o corpo como composição que faz-se. O texto organiza-se em três eixos: a) Movimentos de inscrição; b) Corpos escritos, virtualizáveis-atualizáveis; c) Tecnologia *fanfic*: personificação e a ficção de si

PALAVRAS-CHAVE: Corpos. Ciberespaço. *Fanfic*. Tecnologias.

INTRODUÇÃO

O corpo em si é a principal instância do ambíguo

- William James

O que nos agencia, nos interessa a pensar corpos em (de)composições? Nossos interesses e intencionalidades eventualizam-se a partir de uma pesquisa maior, movida pelo questionamento “Como fazem-se os corpos na virtualidade?”. Pergunta que levou-nos a experimentações na rede social *facebook*¹. Estes experimentares, as associações produzidas neste espaço, nos levaram a afetações que nos propiciaram olhar para os corpos de formas outras. Dentre essas formas que nos afetam nas experiencialidades, arriscamos e guiamos como objetivo deste manuscrito apresentar considerações sobre a tecnologia de *fanfic* como agência na (de)composição dos corpos.

Fanfic que consiste em um conceito composto, difundido em diferentes plataformas do Ciberespaço – *blogs*, páginas do *facebook*, *whatsapp*, *youtube*, sites. O termo consiste na abreviação de *Fan Fiction*, que em tradução literal representa “Ficção de Fã”. O *Fanfic* trata-se assim de uma apropriação de personagens veiculados nas grandes mídias por um fã, e a produção de histórias a partir destes (BLACK, 2009; HARAWAY, 2019). Este conceito inspira-nos a pensar os corpos nas virtualidades.

Corpos... Corpos substratos de uma experimentação, prisões da alma – ou aprisionados por ela –, corpos que podem ser separados da mente em cubas de experimentação, que são aprisionados pela alma, corpos que inscrevem-se na superfície por signos-significados, corpos que atraem outros, maquínicos, da falta e excessos, corpos abjetificados... Várias composições de corpos, em múltiplas localizações e associações que o produziram como tal, sendo assim os corpos são produtos de trações entre modos e interessamentos (LATOURET, 2013; 2012; 2000).

Como os corpos fazem-se movidos pelos interesses e intencionalidades, vemos a necessidade de situar de onde falamos e sobre quais corpos falamos – localizarmos interesses os interesses nosso. Ao escrever este trabalho, o fazemos dialogando com a perspectiva dos Estudos Culturais das Ciências e Educações (HALL, 1980; 2003; NELSON; TRICHLER; GROSSBERG, 2013; SIMON, 2013), voltando-nos a pensar a produção de corpo no interior de práticas culturais, como movimentações e articulações discursivas, de saberes-poderes (FOUCAULT, 2002), de atores humanos e não-humanos (LATOURET, 1994; 2000; 2012; 2013), e aquele do qual falamos é o corpo que se “[...] faz” (NIETZSCHE, 2016, p. 51).

Nosso olhar é quase um monismo, um pensar-corpo que é produção (de)composta de “[...] multiplicidade com sentido, guerra e paz [...]”, um “[...] inteiro corpo e nada além disso” (NIETZSCHE, 2016, p. 51). Todavia, um monismo coletivo, em composição via movimentos articulatórios, sendo as articulações balizadas por processos de interessamento, ou seja, do aprender a ser afetado à medida que se associa (LATOURET, 2012; 2000), negocia, e modaliza os fluxos de vontades (NIETZSCHE, 2016). A cada associação o corpo faz-se. À medida que se interessa, associa-se e (de)compõe-se.

Decorre daí nosso objetivo: apresentar considerações acerca dos modos de existência, de composição dos corpos na virtualidade. Para isto, voltamos nosso

olhar para um dos movimentos que temos visto operar, a articulação da tecnologia de fanfic como agência na (de)composição dos corpos que inscrevem-se.

O presente manuscrito encontra-se organizado em: a) Movimentos de inscrição, situando a produção de um campo de investigação e deslocamentos; b) Corpos escritos, virtualizáveis-atualizáveis, em que consideram-se traços de um corpo que faz-se através do escrever, das virtualizações e atualizações; c) Tecnologia *fanfic*: personificação e a ficção de si, em que apresenta-se considerações acerca deste modo de produção que nomeamos como *fanfic*, atravessado por novas associações que hibridizam e borram fronteiras entre realidade e ficção, bem como do corpo que personifica-se.

MOVIMENTOS DE INSCRIÇÃO

Como ressalta-se dentro dos Estudos Culturais das Ciências e das Educações (OLIVEIRA, 2010), os estudos da inscrição pela ótica cultural têm forte influência dos estudos realizados por Bruno Latour (LATOUR; WOOLGAR, 1997), e adquirem importância neste trabalho por apresentarem, em vez da ideia de ruptura entre epistemologia (o que se diz da realidade), ontologia (a realidade) e a ficção (o imaginar, criar, fantasiar a realidade), algo diverso, que assume uma análise do caráter contingencial com que são produzidas as condições de possibilidades. Ou, como dito mais recentemente por Latour (2013): Modos de existência. Entendidos nesse trabalho como um conjunto de regimes de verdades, produzidas por associações interessadas, derivas e modalizações, que produzem diferentes experientialidades, modos de ser, estar, experimentar e viver.

Para Latour e Steve Woolgar (1997), a inscrição pode ser entendida como movimentos tanto discursivos quanto materiais, que são necessários para mediar a ocorrência de uma ação, considerando-se o jogo de deslocamento de cada participante, para modificar e deslocar seus vários e contraditórios interesses (LAW, 1992; LATOUR, 2001). Por essa concepção, é possível pensar na inscrição como produzida por meio de um sistema de relações que, na sua própria formação, constituiu o alinhamento de atuações que possibilitam compreendermos algo das ações que ocorrem nas redes cibernéticas.

Neste percurso, vemos um olhar ao ciberespaço como um lugar, de modo que ao olharmos para este espaço buscamos vislumbrar sua topologia, e se fazemos isto é porque aprendemos que mudanças cíclicas provocam fraturas em um espaço que se encontra esteticamente em ordem. Apesar de sua aparente ordenação, o ciberespaço é um espaço mutante e não controlável, desta forma para notarmos as produções de fraturas precisamos aguçar nossos sentidos ancestrais: olhar, sentir, inalar, degustar – atenção máxima à ecologia da rede. Só assim perceptamos os movimentos aos quais estamos susceptíveis a ser afetados (NIETZSCHE, 2016).

Destarte, buscamos, portanto, nos afastar o máximo que pudemos dos efeitos anestésicos da inscrição ao mesmo tempo que buscamos dar visibilidade à articulação de seus sistemas linguísticos. Como dito por Jacques Derrida (1999), quanto mais articulado é um sistema linguístico – um texto, uma inscrição, mas rápido ela traduz e se movimenta permitindo novas e indeterminadas derivas, translações e articulações. Foi com essas considerações em mente que nos

colocamos, à moda dos antropólogos, como observadores de um grupo² de *facebook*, para observarmos as dinâmicas neste espaço.

Nosso enfoque analítico, aguçadores das sensibilidades, respaldam-se nas pluralidades instrumentais garantidas pelos Estudos das Ciências e das Educações, mais especificamente voltando nossos olhares às técnicas ontológicas, utilizando neste recorte inspirações em Latour (2000; 2012; 2013) como fio condutor desta discussão. Latour ao pensar uma ontologia outra, inclina-se a pensar *modos de existência*, ou seja, como um corpo em suas múltiplas afetações e associações se compõe em sua multiplicidade de formas possíveis. Conquanto, fazer-se corpo, se afetando e associando-se pode ser pensado com base no conceito de articulação (HALL, 1980; 2003), sendo que esta é o olhar a produções de elos,

[...] elo que não é necessário, determinado, absoluto nem essencial todo o tempo. Precisa-se perguntar em que circunstâncias pode ser forjada ou feita uma conexão. A assim chamada “unidade” de um discurso é realmente a articulação de elementos diferentes, distintos que podem ser rearticulados de diferentes formas por não terem qualquer necessária “pertença”. A “unidade” que interessa é um elo entre o discurso articulado e as forças sociais com os quais pode, em certas condições históricas, mas não precisa necessariamente, estar conectado (HALL, 1980, p. 53).

O grupo que nos afeta tem características singulares de políticas internas, tais como ser um grupo amplo, de público jovens, que conclama ser um espaço aberto a diversidade e tem como cerne de funcionamento os corpos narrarem-se. Tais características nos levaram a investigar como estes corpos se constituem – consideramos aqui o grupo também como uma agência, um ator não-humano, que flerta com nossas vontades –, sendo estas: a) Grupo voltado a jovens, que se auto identificam pró-diversidade, LGBTs³, membros do “Vale”⁴; b) Amplitude no número de participantes, sendo 951.064 membros⁵; c) A presença de um dos pesquisadores no grupo desde a criação deste (no ano de 2013), sendo este já imerso neste espaço e reconhecendo o emergir espontâneo e contingencial de práticas que possibilitariam pensar o corpo optou por desenvolver escrituras sobre estes movimentos.

Assim, imaginemos múltiplos atores, membros no grupo, moderadores, propagandas nas abas laterais, fotos no perfil, vídeos, textos, computadores, agências de internet... De onde começar? Latour (1994; 2000; 2012) nos remete a várias sugestões: pelo meio, mapeamento de mediadores, derivas, modalizações, atores... O que poderíamos resumir em: movimentos. Muitos destes são dados em um grupo que realiza em média mil publicações/dia, todavia um movimento pode ser pontuado na escrita. Na escrita, nas articulações, nas ações, nas (de)composições vislumbramos as produções de inscrições, de modo que estas consistem nos registros das relações, das negociações e dos acordos entre os atores que compõe o corpo na virtualidade.

Estas inscrições ocorrem por movimentos e procedimentos de materialização do coletivo, sendo bases binárias, pontos, gráficos, espectros entre “N”s outros atores, dispositivos, agências que são manipulados e formalizam as ações que compõe o corpo na materialidade (LATOURE, 2012; 2000). É o conceito de inscrição que nos faz refletir sobre corpos escritos, virtualizáveis-atualizáveis que compõe-se pela tecnologia *fanfic*.

Nesta composição, dos corpos que se fazem escritos, virtualizáveis-atualizáveis, do compor-se *fanfic*, deparamo-nos com imagens que nos auxiliam na

compreensão de tal tecnologia. Estas imagens foram salvas em banco de dado dos pesquisadores, compondo um acervo pessoal, com o intuito de preservar a identidade do grupo e manter um substrato dos registros.

CORPOS ESCRITOS, VIRTUALIZÁVEIS-ATUALIZÁVEIS

Vemos a escrita como uma potencialidade de produção de si, do corpo fazer-se em contato com outra superfície, em pensar modos de existências múltiplas. Se a vemos desta forma, é ao considera que a escrita os proporciona a produção de rastros, e estes rastros nos dão pistas das associações que são realizadas, de quais atores compõem o coletivo que permitem o corpo constituir-se (LATOURE; WOOLGAR, 1997; LATOUR, 2000; 2012). Assim, os corpos que fazem-se escritos, fazem-se como uma conexão articulada de agentes: canetas, papéis, tinteiros, grafites, máquinas-maquinas de escrever, hospitais, médicos, juízes, crucifixos, bíblias, relógios, calendários, testemunhos, confissões... Nos dias atuais, mouses, computadores, *tablets*, *smatphones*, *notebooks*, teclados, agencias de telefonia e internet, desenvolvedores de *software*, gerenciadores de endereço eletrônico... A garantia da existência destes corpos se deu nas articulações os deixam registrar-se.

Esta articulação, desencadeia conexões, e estas conexões compõem o corpo. Este processo de inscrita conexão, mediado por um conjunto de atores que escreve-registra a composição-combinação corpórea coletiva é o que Latour (2012) chama de inscrição. O corpo que escreve-se é então o corpo que inscreve-se, à medida que um conjunto de atores se agenciam, associam e compõe este corpo. Poderíamos utilizar do exemplo da biologia molecular em que instrumentos de coleta de células humanas, reagentes de extração de DNA, termocicladores, sequenciadores, compiladores, bancos de genomas, *softwares* de análise de materiais genéticos.... Se articulam e produzem uma inscrição de um corpo desta ou daquela espécie. Ou um conjunto de tintas, quadros, grafites, massas corridas, pinceis, técnicas artísticas... Se articulam e produzem uma inscrição de um corpo em uma obra de arte... Na internet um conjunto de hardwares, softwares, agencias de desenvolvimento de redes sociais, agências de publicidade que financiam as redes, grupos, páginas, comunidades... Se articulam e produzem um corpo na virtualidade, ou um arquivo de corpos que Michel Foucault (2003; 2002) chamaria de uma *Antologia* ou um *herbário de vidas* compostas em pequenas palavras inscritas.

Estas palavras, corpos inscritos que Foucault (2003; 2002) já vislumbrava, encontrava-se como parte constituinte de-em grandes arquivos, o que nos inspira em nossa movimentação a pensar nos grupos dos ciberespaços também como grandes arquivos...

Vejamos, ao adentrar no site *facebook* uma série de informações são solicitadas: nome completo, e-mail, data de nascimento, endereço, telefone, gênero, fotos... Conjunto de informações que tem por objetivo localizar o corpo daquele que busca acesso a este espaço, à medida que constituem e o compõe. Cada informação solicitada arrasta consigo uma série de articulações que são realizadas para dar figura este corpo. São arrastadas nesta composição, cartórios, astros, softwares, provedores de internet, discursividades, câmeras digitais, a novela de onde foi retirado o nome que articula-se a este corpo. Com o cadastro

concluído, sugere-se amigos que arrastam consigo composições outras. Perfil pronto, depara-se com um espaço cedido ao corpo para inscrever-se, com a informação: “*O que está pensando?*”. Pensamento que também é componente do corpo (NIETZSCHE, 2016), uma movimentação deste, acessos articulares. À medida que posta-se em uma linha do tempo, grupos, páginas, reage a publicações, compartilha vídeos, imagens... Utilizaremos como fio, a participação de Day⁶, corpo com o qual nos deparamos nos trânsitos pelo grupo:

Figura 1 – Um corpo coletivo na postagem



Fonte: Acervo pessoal

Day é um corpo coletivo, com uma foto, um nome, uma perna, uma tala, uma torneira, uma pia de granito, um shorts, uma residência, uma indagação: “Já quebraram alguma parte do corpo? Ou se machucaram feio? Eu realizei a proeza de quebrar os dois braços duas vezes cada”. Day articula-se com 234 pessoas que reagem a sua postagem no grupo, 160 comentários, com um discurso médico-biológico que delinea o que é “quebrar alguma parte do corpo” ou “machucar-se feio”.

Poderíamos nos perguntar se a perna da foto é Day? Poderíamos ter como resposta: “Esta foto é uma representação, é um processo mental que confere presença na ausência e, assim não é a perna de Day, nem este perfil é Day mas sim outra representação, um avatar, uma projeção do eu”. Esta afirmação nos colocaria afrente com a perspectiva de que, esferas de saber encontram-se separadas: mente e corpo, sujeito e natureza, corpo e máquina, as ideias e as coisas, o real e o virtual. Um reverberamento (neo)platônico, de separação de mundos: Mundo real e Mundo virtual.

Com nosso olhar as diferenças, com nossa recusa a separação de mundo, preferimos arriscar a outro olhar, para além de operantes binomiais, visto nossas afetações. Friedrich Nietzsche (2016) apresenta críticas a necessidade de produções de outro mundo, metafísica que nos acorrenta, e destaca dentre os “acorrentamentos” a dicotomia corpo e mente – demarca que o pensamento é o

corpo fazendo-se agir, talvez seja por isto que o site *facebook* ao convidar o corpo a fazer-se, pergunta, “O que está pensando?”; Esse referente ao sujeito e natureza, também é discutida em Latour (1994; 2000; 2012; 2013), que aponta não para uma separação dicotômica em polos, mas hibridizações que multiplicam os corpos a medida que estes se hibridizam; Donna Haraway (2009), com ressonâncias Latourianas indica para o mesmo percurso de hibridização entre corpo e máquina, de modo que a ubiquidade maquínica adentra ao plano mais molecular dos corpos, com as biotecnologias contemporâneas; Foucault (2002), inclina-se sob historiografias e filosofias ocidentais, fundada sob o neoplatonismo e as teorizações dos reflexos, que tratam as ideias como reflexo da realidade e as palavras como reflexos das coisas, e implode-as, afirmando que não existe um mundo das ideias, que as palavras produzem as coisas; Pierre Levy (1996), retoma as origens epistemológicas do “virtual” e vislumbra sua relação com a atualidade e não oposição com o real. O que unem estes pensadores, um pensar pelas diferenças e não pelo discurso da ausência.

Assim, voltamos nosso olhar a Day e pensamos “Esta foto é composição desse corpo que faz-se coletivamente e se articula, estabelece conexões” e, articulações-conexões são sempre dinâmicas, não por representação-ausência, mas em uma agonística de atualização e virtualização. O corpo que vemos faz-se escrita, virtualiza, atualiza.

A esta virtualização e atualização que visualizamos, fazemos sob ressonâncias de Pierre Levy (1996), sendo: a virtualização como um complexo problemático, um processo que possibilita um desprendimento do aqui e agora, um ato de desterritorialização que rompe com os limites epistêmicos vigorantes que definem espaço-tempo, e arrasta este coletivo a uma localização “não presente”, mas localizável; enquanto: a atualização vem como uma criação, uma invenção em relação ao complexo problemático da virtualização, de modo que criativamente, acessa-o, presentifica-o e atribui ao virtualizado uma localização. Tanto a virtualização quanto a atualização dão-se sob movimentos de articulações, em uma agonística constante de desterritorializar e territorializar.

Voltamos então novamente nosso olhar para o corpo Day, Day associou-se a um *hardware* – computador ou *smartphone* – que opera um *software* desenvolvido em uma linguagem binária, associou-se a um dispositivo fotográfico que movimentos captura e processa ondulatórios de luz resultando em uma imagem, associou-se a um serviço de internet, associou-se a uma empresa de energia, associou-se à escrita, associou-se a uma plataforma de rede social, associou-se a um grupo, associou-se às curtidas e comentários... Foram as articulações deste conjunto de agências que permitiram sua virtualização e sua manutenção nos fluxos das nuvens⁷. Utilizando de associações semelhantes, *hardwares*, *softwares*, agências de eletricidade e telefonia, plataforma de rede social, um grupo... É possível encontrar o corpo de Day que fez-se e, atualiza-lo, dar uma localização para ele, associando a um *software* que captura uma imagem e que permite-nos com mais esta associação cristaliza-lo e associar este recorte ao escopo deste texto.

Este corpo que escreve-se, virtualiza-se e atualiza-se não é uma inovação das sociedades que utilizam da internet, ele pode ser visto, por exemplo, no corpo Mathurin atualizado por Foucault (2003). As associações da Biblioteca Nacional, arquivos, prontuários, esconderijos, famílias, calendários, campos, estradas, poderes jurídicos-psiquiátricos... Possibilitaram o corpo Mathurin fazer-se,

virtualizar-se, desterritorializar-se. Quem atualiza-o, presentifica-o, territorializa-o é Foucault produz seu *herbário* de vidas dos homens *comuns*, com vidas registradas em poucas linhas, ao inscrevê-los. Essa inscrição consiste em um conjunto de associações que são mobilizados pelos mecanismos da escrita, possibilitando que corpos sejam (des)(re)compostos, virtualizáveis, atualizáveis: como o corpo de Malthurim, como o corpo de Day.

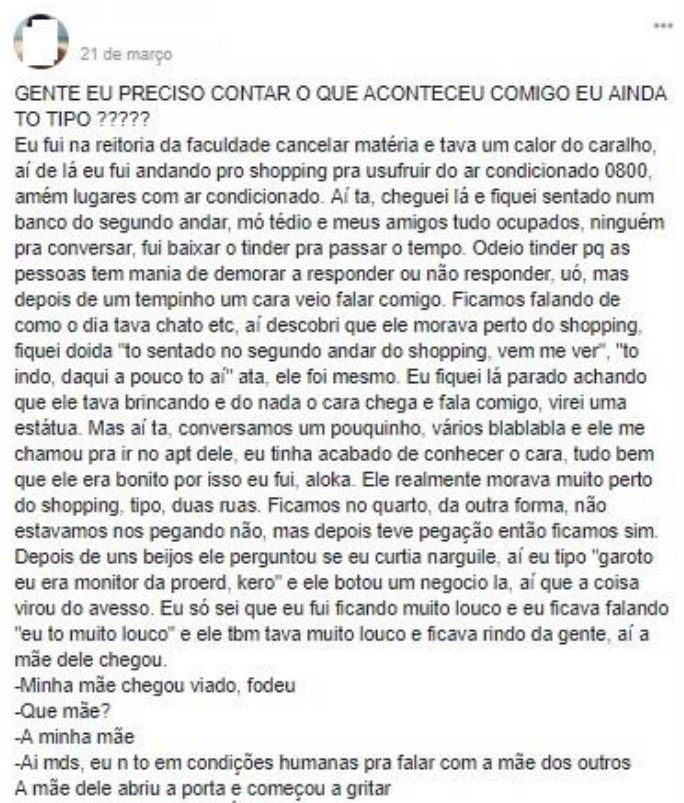
É neste olhar, do corpo que faz-se, que arriscamos pensar um corpo escrito-inscrito, virtualizável e atualizável em seu fazer-se.

TECNOLOGIA FANFIC: PERSONIFICAÇÃO E FICÇÃO DE SI

Ao pensar um corpo que escreve-se, inscreve-se, virtualiza-se, atualiza-se e assim faz-se existente, evidenciamos que estes três movimentarem-se podem ser realizados de inúmeras maneiras, por diferentes associações, articulações e conexões. Ao investigarmos um grupo tão ativo, que engloba 951.064 membros e tem cerca de mil postagens ao dia, nos deparamos com uma infinidade de combinações que norteiam estes movimentos, o que tratamos como tecnologias. Consideramos tecnologias não como um processo mecânico, mas sim como uma “especificação de um modo de produção; uma forma de organizar e regular o trazer à presença de algo anteriormente sem presença” (SIMON, 2013, p. 69), sendo modos de produções plurais, visto as múltiplas associações, articulações e conexões que podem ser (des)(re)esbelecidas.

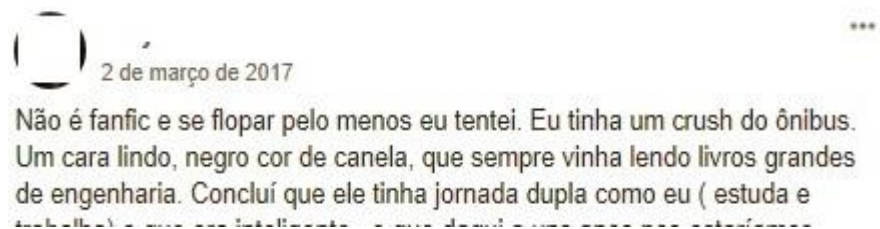
Produzimos então cortes e, deparamo-nos com uma tecnologia singular: a tecnologia *fanfic*. Realizaremos um recorte de um corpo como fio da descrição desta tecnologia, o corpo que chamaremos de Gio:

Figura 2 – Gio e a produção de narrativas



Fonte: Acervo pessoal

Gio faz-se ao narrar-se, nesta narrativa, produz múltiplas associações: Reitoria da faculdade, matéria, shopping, ar condicionado, banco, tempo, aplicativo de relacionamentos Tinder, garoto, narguilé, substância psicoativa, duas ruas, residência... O corpo Gio faz-se ao fazer este relato no grupo. Ao nos depararmos com o corpo Gio, nossa primeira reação foi a reflexão: *Um corpo que relata-se e faz-se ao relatar-se*. Um conjunto de associações neste relato, que produz uma inscrição (LATOURE; WOOLGAR, 1997; LATOUR, 2000; 2012). Um movimento constante no grupo, o corpo fazer-se por relatos – que carregam consigo os rastros das associações ao mesmo tempo que cria também associações outras. Imergimos então nos comentários, e deparamos com corpos que atuavam com os seguintes registros, associando-se ao corpo Gio: “4/10”, “fic”, “fanfic”, “8/10”. Encontramo-nos com outras postagens que seguia a mesma esquemática: a) Uma narrativa de si, relato, em forma de conto, geralmente com caráter erótico; b) Comentários que traçavam elogios e/ou reiteravam os relatos; c) Comentários que atribuíam notas e/ou classificava a postagem como fanfic/fic. Alguns corpos enunciavam em seu fazer-se que aquele relato “não é fanfic”:

Figura 3 – Não é *fanfic*

Fonte: Acervo pessoal

Estas publicações que nos levam a uma tecnologia de fanfic no fazer-se corpo neste grupo. Poderíamos descrever esta tecnologia à medida que essa desloca associações, considerando três fios condutores: *Borrar as fronteiras realidade e ficção*; *Acionamento da função autor voltada a personificação de si, ao culto ao corpo e o submeter-se a crivo*.

Desta forma, o *fanfic* apresenta-se difundido como uma categoria literária e, gostaríamos de estender esta categoria para uma categoria ontológica, ou seja, um modo de existência. Ao consideramos tal tecnologia como literária-ontológica, sensibilizamo-nos para como esta é difundida. Uma categoria literária demarca-se como episteme produzida sob saberes alinhados a uma noção de modernidade, que estabelece um rompimento com os registros oficiais, ou seja, opera com fantasia e ficção. Um custo caro é realizado para manter esta separação, associações distintas são realizadas, (de)compostas: suportes burocráticos-administrativos, legisladores, jurídicos, executivos, papéis timbrados, cartórios, fóruns, historiadores, quadros de referências, entre outros agentes são conectados a produções oficiais (estaria atrelado aos documentos de uma historiografia real), enquanto escritores, filósofos, livrarias, editoras ilustradores, jornalistas, influenciadores digitais, são associados as produções literárias (associados a ficcionalidade).

Com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação outras associações passam a ser feitas, outros enunciados se vascularizam e, a linha já tênue de separação entre o real e ficcional passa a emaranhar-se e a distância diminuir-se. Este movimento dar-se a medida que a vida cotidiana ciborgueia-se (HARAWAY, 2009) com os recursos midiáticos e torna-se ficcionalizada; à medida que instaura-se uma cultura cotidiana que “anseia por consumir lampejos da intimidade alheia (SIBILIA, 2016, p. 247), que se espetaculariza o corpo-vida.

O desejo por realismo é tão intenso, que instaura-se um paradoxo, as vontades de “[...] inventar ficções que parecessem realidades” e “[...] uma ânsia por inventar realidades que pareçam ficções” (SIBILIA, 2016, p. 247). Aumentam-se as vendas de autobiografias espetacularizadas, potencializadas por associar-se com traços ficcionais e, ao mesmo tempo conclama-se por produções artísticas que tem como pauta a representatividade – atores que tragam em seus corpos marcas que atravessem também a composição identitária do personagem a ser interpretado – que aproxima-se do real. Assim, temos uma compilação real-banal onde compõe-se híbridos de realidade-ficção e ficção-realidade.

Esta hibridização faz-nos olhar aos relatos que fazem-se no grupo, inscrito por um corpo que faz-se, e nas associações que estes relatos compõe, enquadra-lo

como realidade-ficção ou como ficção-realidade. É neste percurso do associar-se que a função autor é acionada, que o corpo que faz-se ao escrever personifica a si, que o corpo faz-se de sua obra “[...] ele próprio” (SIBILIA, 2016, p. 211). Poderiam nos perguntar “mas a modalidade fanfic requer um personagem de divulgação nas mídias de massa, não requer?”. Esta pergunta nos leva a pensar que um personagem, ou aqui chamaremos de ator, só o é à medida que desenvolve uma função, que movimenta-se, que age, que performa (LATOIR, 2012). Neste caso arriscamos dizer que a personificação de si, que o corpo faz, opera pela função personagem⁸, ou seja: desenvolve uma performance que promove espetacularização de si, na produção de um palco, de uma máscara, do colocar-se em evidência: histórias de amor, confissão, flerte, sexualidade, polêmicas... Para isto, utilizam de “[...] aparatos que regem a visibilidade” (SIBILIA, 2016, p. 207), liga escritas-narrativas e realidades-ficcionalidades. Neste movimento, de fazer-se, o que importam são as associações desenvolvidas, fortes e fracas, de modo que não pareça tão “comum”, nem tão ficcional. Assim, o corpo que personifica-se hibridiza ator-personagem, apropria-se das funções-personagens sem abrir mão de sua função-autor, que assina seu relato buscando uma atualização deste corpo-personagem.

Destarte, a produção de relatos de um corpo que faz-se escrito, virtualizado, atualizado e personificado, submete-se ao crivo de outros corpos que encontram-se com este e, nestes encontros o localizam mais como realidade-ficção ou mais como ficção-realidade. Os comentários nos dão uma sinalização de que a própria classificação destas escritas, bem como a atribuição de notas nos comentários como “4/10”, “8/10” e até mesmo “10/10”, já situa este escrito com um número maior de associações que o situariam como ficção-realidade. Posição que arrasta consigo ares de desconfiança da legitimidade desta narrativa. A própria necessidade de afirmar seu escrito como “não é fanfic”, já aponta a esta deslegitimação, ou legitimação menor, não real.

Em outro movimento, alguns comentários carregam consigo clamores sobre a história “ai que fofoooo”, “chega fiquei surpresa”, “que homem”, aponta a uma validação, uma localização do relato em uma realidade-ficção, produto das associações realizadas na produção do escrito – como por exemplo fotos de whatsapp, do sujeito com quem conversa, das mensagens trocadas e, de respostas aos comentários por meio de (des)(re)edições no texto indicadas como “edit”.

CONSIDERAÇÕES

Ao movermo-nos guiados pela indagação “como fazem-se os corpos na virtualidade?” nos deparamos com a tecnologia de fanfic como um modo de produção, uma política de interessamento que guia (des)associações por meio da qual corpos fazem-se. Corpos que fazem-se ao narrar-se, escrever-se, virtualizar-se e atualizar-se.

Assim, essa composição dos corpos por meio da tecnologia fanfic mostrou-se operante à medida que: produção de um relato de si borra fronteiras e hibridiza relações de realidade ficção, demandando de recursos midiáticos para intensificar as vivências cotidianas e/ou para flexionar realidade sob ficcionalidade; O corpo faz-se personagem demandando de funções de personagem, ao colocar-se como uma figuração de uma vida “interessante” de ser vivida, e autor, à medida que

assina e torna sua vida obra submetendo-a ao crivo e acepção daqueles que leem. Evidencia-se que a citada modalidade de escrita, desloca as narrativas, os relatos de si dos corpos que fazem-se à um crivo de realidade-ficção ou de ficção-realidade, a medida que afetam outros corpos no grupo que reconhecem legitimidade nas narrativas ou fantasias passíveis de desconfiança.

Vemos neste movimento, de pensar a produção dos corpos na virtualidade, como uma ontologia múltipla de dispositivos pedagógicos, que guiam as associações e composições dos corpos. Assim, vemos a tecnologia do *fanfic* como um processo pedagógico, que permite-nos pensar sua dinâmica como produtora de práticas culturais e de ensino.

Como processo pedagógico, nos leva ao questionar: Há espaço para as ficções de si nas educações e nos ensinos? A criação de si como personagem que atua na construção das ciências, culturas e educações? Há possibilidades de criar novos possíveis? Em nosso perspecto, a tecnologia do *fanfic* é operante enquanto pedagogia cultural no ciberespaço, e com isso é produtora de subjetividades, modos de pensar, aprender, ensinar e constituir conhecimento. Esta diagnose é um convite para tais reflexões.

Bodies that make it in cyberspace: the technology *fanfic*

ABSTRACT

This manuscript aims to present considerations about fanfic technology as an agency in the composition of bodies. Technology described from the perspective of Cultural Studies, located in the experiential experience of a group in the social network facebook selected for convenience - seen the presence of the researcher as member in this space since the year 2013. The group has as characteristic to be directed to young people who (self) identify pro-diversity, having an amplitude of approximately 950,000 members. The concept of articulation and inscription is considered as analytical bias, considering the body as a composition that is made. The text is organized in three axes: a) Movements of inscription; b) Written, virtualizable-upgradeable bodies; c) Fanfic technology: personification and fiction of self.

KEYWORDS: Bodies. Cyberspace. Fanfic. Technologies.

Cuerpos que se hacen en el ciberespacio: tecnología fanfic

RESUMEN

Este manuscrito tiene como objetivo presentar consideraciones sobre la tecnología fanfic como agencia en la (de) composición de los cuerpos. Tecnología descrita desde la perspectiva de los Estudios Culturales, ubicada en la experiencia experimentada en un grupo en la red social facebook seleccionada por conveniencia - dada la presencia del investigador como miembro en este espacio desde 2013. El grupo tiene la característica de estar dirigido a jóvenes que si (auto) identifican pro-diversidad, con un rango de aproximadamente 950,000 miembros. El concepto de articulación e inscripción se utiliza como un sesgo analítico, considerando el cuerpo como una composición que se realiza. El texto está organizado en tres ejes: a) movimientos de registro; b) cuerpos escritos, virtualizables y actualizables; c) Tecnología Fanfic: personificación y ficción del yo.

PALABRAS CLAVE: Cuerpos. Ciberespacio. Fanfic. Tecnologías.

NOTAS

¹ Facebook consiste na maior rede social virtual do mundo, gerida pela empresa Facebook Inc.

² Dentro da rede social facebook são encontradas distintos espaços para interação: linha do tempo, páginas, aplicativos e grupos. O grupo aqui não é nomeado, apenas apresentadas características que o localizam, visto atendimento da VII cláusula da Resolução 510 de 7 de abril de 2016, que estabelece parâmetros de ética para pesquisa e, institui a não necessidade de tramite da pesquisa no comitê de ética em caso de: VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito (BRASIL, 2016). Assim, ao reconhecermos que a identificação do grupo permitiria localização do sujeito, optamos pelo uso de imagens retiradas deste para produção referencias e encaminhamento do trabalho.

³ Sigla representativa para Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas trans e demais identificações posicionadas enquanto grupos de identidades sexuais minoritárias.

⁴ O termo “Vale” é utilizado constantemente pelos membros do grupo, sendo utilizado para autoidentificar-se de modo debochado e contra-hegemônico a discursividade judaico-cristã que condena práticas homoafetivas ao “Vale dos Homossexuais”.

⁵ Contagem de membros realizadas no dia 16 de março de 2018.

⁶ Utilizamos para os corpos que fazem-se nos grupos, aqui apresentados, por nomes fictícios e que borrem com as localizações linguísticas de gênero.

⁷ Nuvens, ou nuvens de armazenamento consistem em modalidades de armazenamento de dados em redes que são flutuantes, cambiantes, que utilizam de múltiplos computadores e serviço de hospedagem de dados para manter-se.

⁸ O recorrermos a função personagem, fazemos ao considera que o personagem como uma identidade fixa, produzida como estável, nunca existiu (SIBILIA, 2016; LATOUR, 2012), os personagens sempre fizeram-se por seus movimentos, performances, atuações – o que é personagem é o desempenho e atuação que este desenvolve.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 – dispõe da ética na pesquisa**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581>. Acesso em 28 de novembro de 2020

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BLACK, Rebecca W. Online fan fiction, global identities, and imagination. **Research in the teaching of english**, v. 43, n.4, p. 397-425, 2009

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber - Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 203-222, 2003

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

HALL, Stuart. Cultural Studies: Two Paradigms. **Media, Culture and Society**, v.2, p. 57- 72, 1980

HALL, Stuart. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org). **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, p.160-198, 2003

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista. SILVA, Tomas Tadeu da; KUNZU, Hari; HARAWAY, Donna (Orgs). **Anropologia do ciborgue: as vertigens do pós humano**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-117, 2009

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno**. São Francisco: Consoni, 2009

LATOUR, Bruno. **Investigación sobre los modos de existência**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução a teoria ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro (RJ): Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997

LAW, John. Notes on the theory of actor-network: ordering, strategy and heterogeneity. **Systems Practice**, v.5, n.4, p. 379-393, 1992

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Alienígenas em sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 7-38, 2013

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Porto Alegre-RS: L&PM, 2016

OLIVEIRA, Moisés Alves de. Alfabetização científica no clube de ciências do Ensino Fundamental: uma questão de inscrição. **Revista Ensaio**, v.12, n.2, p. 11-26, 2010

SIBILIA, Paula. **Show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2 ed. Rio de Janeiro: contraponto, 2016

SIMON, Roger J. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Alienígenas em sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013, p. 61-82

Recebido: 19/04/2020.

Aprovado: 30/11/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.12030.

Como citar: POLIZEL, Alexandre Luiz; OLIVEIRA, Moises Alves de. Corpos que fazem-se no ciberespaço: a tecnologia fanfic. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 80-95, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Alexandre Luiz Polizel

Rua Paranaguá, 1058, apto. 14, Centro, Londrina, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

